

VISÃO DO CORREIO

A irresponsabilidade das citações do Caso Epstein

Circula nas mídias sociais e em portais de notícia o fato de a apresentadora e modelo brasileira Luciana Gimenez ter seu nome citado nos arquivos da investigação envolvendo Jeffrey Epstein — homem morto em 2019 e condenado por abuso de menores e por operar uma rede de exploração sexual. Até que se prove o contrário, a simples citação de uma pessoa nos arquivos — que tiveram o sigilo retirado recentemente por decisão do presidente dos EUA, Donald Trump — não representa qualquer envolvimento daquela pessoa nos atos criminosos.

Em investigações que compreendem um grande volume de informação, é comum que grandes conglomerados de jornalistas dediquem meses, até anos, àquele material. Aconteceu, por exemplo, com os Panama Papers, conjuntos de dados de empresas offshores sediadas em paraísos fiscais. Na ocasião, um time de diferentes veículos investigativos de diversos países se voltou à publicação de uma série de reportagens — bem apuradas e com a necessária contextualização — para expor esquemas de lavagem de dinheiro.

A liberação dos arquivos das investigações contra Epstein, de maneira livre para qualquer pessoa com acesso à internet, mais atrapalha do que ajuda. Confunde-se transparência com irresponsabilidade. Todos os dias, dezenas de teorias da conspiração circulam nas mídias sociais, especialmente no X (antigo Twitter), sobre o envolvimento de fulano ou de ciclano nos escândalos. Circulam-se listas com todos os nomes citados, como se todos estivessem no mesmo patamar de suspeição. Algumas acusações fazem

sentido, enquanto outras não se sustentam até que se prove o contrário.

A onda de especulações do Caso Epstein não tem como combustível somente a divulgação irrestrita dos arquivos das investigações. A impunidade que cerca todo o escândalo cria na sociedade uma sede por vingança e punição dos envolvidos, especialmente no ambiente digital, sempre sedento por caça às bruxas e cancelamentos.

Infelizmente, a verdade é que Jeffrey Epstein está morto há mais de meia década, outros envolvidos também já faleceram, e até mesmo testemunhas imprescindíveis para apuração completa dos fatos não estão mais entre nós. Nunca houve vontade política de apurar o escândalo com seriedade, diante das primeiras denúncias feitas há até 30 anos.

Epstein, pela enorme condição financeira que ostentava, estava sempre cercado por gente poderosa. A história conta que essa elite financeira, branca e masculina raramente sente o peso da responsabilidade por seus atos. Acontece no Brasil, nos Estados Unidos, na União Europeia e em qualquer outra parte do mundo.

Em suma, aquilo que é de ordem privada e não tem interesse público jamais deve ser objeto de publicação. Em um mundo no qual dados representam ferramenta de poder, é preciso muita responsabilidade com aquilo que é compartilhado — desde os arquivos Epstein até o consentimento dos direitos de uso de um determinado aplicativo. Quanto mais o tempo passa, mais difícil fica entender o que é verdade, exagero ou mentira nos arquivos da Justiça dos EUA.



RODRIGO CRAVEIRO
rodrigo.craveiro@gmail.com

Sobre Trump e Bad Bunny

Dear President Donald J. Trump, não é preciso ter *cojones* para entender que os Estados Unidos não são a América. Qualquer pessoa com o mínimo de conhecimento em geografia concluirá que o seu país faz parte do continente americano. Portanto, soa, no mínimo, megalomania acreditar que o senhor preside a América. Propagar ao vento que a “América” tem que ser “grande novamente” e colocar agentes mascarados para perseguir e matar imigrantes latinos me parece contrassenso e ilógico. Os Estados Unidos são construídos com o suor de estrangeiros, muitos deles não documentados. São eles que se submetem a condições de trabalho duras para terem acesso ao chamado “american dream”. Fazem parte de empregos rejeitados pelos cidadãos dos EUA e ajudam a movimentar a economia. São 35,1 milhões de trabalhadores latinos, que somam 19,1% da força de trabalho total. Geram um Produto Interno Bruto (PIB) da ordem de US\$ 4 trilhões — seis vezes mais do que o de toda a Argentina. Perseguir, expulsar, impor uma política de terror e criticar imigrantes é um ato tão inteligente quanto socar a ponta de uma faca.

Foi preciso o rapper porto-riquenho Bad Bunny transformar sua apresentação no Superbowl em ato político e em protesto para irritá-lo, senhor presidente. Ele esgrachou ao mundo o que o senhor e sua ideologia cega insistem em não ver. A América é muito mais do que cidadãos fluentes em inglês. Ela abriga povos fluentes em espanhol, francês, português e até holandês. São 35 nações de

um tecido social e cultural rico e diversificado. Incluem 1,06 bilhão de pessoas dotadas de sentimentos, de sonhos (nem sempre o “American dream”) e de aspirações. Uma ínfima maioria tem planos de entrar nos EUA para tentar mudar de vida. Quando o líder da nação mais rica do planeta trata vizinhos como o quintal de sua casa e celeiros de criminosos, há algo muito errado aí.

Basta um pouco de noção de história para saber que o seu país, Trump, tem causado danos irreparáveis a esta América da qual o senhor acredita não fazer parte. Foi assim com a derrubada de Salvador Allende e a ascensão da ditadura de Augusto Pinochet no Chile. Ou com estrangulamento da economia de Cuba, após a imposição de um embargo econômico imoral. Ou com a deposição e captura de Nicolás Maduro, na Venezuela, sem ater-se à necessidade de mudança de regime. A repressão segue sendo princípio do chavismo, agora comandado por Delcy Rodríguez. Ou com a ocupação da Nicarágua, entre 1912 e 1933, e a guerra dos “Contras”, incapazes de pôr fim ao sandinismo.

Descer do salto alto e reconhecer a grandeza de todas as nações da verdadeira América é uma atitude de nobreza ímpar. Os EUA podem estabelecer relações construtivas com países latinos — com amplos e respectivos benefícios. Tio Sam, passou da hora de perceber que existe muito mais para além de seu mundo encantado. Trump, sugiro rever, por várias vezes, a apresentação de Bad Bunny no último domingo e tentar aprender algo.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Consciência histórica

O que se apresenta como novidade para impulsionar a economia do momento, muitas vezes, nada mais é do que uma releitura do passado, usado como ingrediente essencial, ainda que disfarçado. Sobre a Inteligência Artificial (IA), a consciência histórica evidencia esse movimento com clareza e propriedade. A palavra ‘robô’ teve origem na peça R.U.R., de Karel Capek (1890-1938), escrita em 1920. A sigla era uma abreviatura para ‘Rossum’s Universal Robots’, onde robota quer dizer em tcheco ‘trabalho’. Bot é uma simplificação da palavra robot. O chatterbot não é apenas um programa que simula conversas; ele representa um espelho imperfeito da condição humana. Ao tentar enganar temporariamente o interlocutor, fazendo-o acreditar que dialoga com outra pessoa, revela-se um paradoxo: a máquina imita a linguagem, mas não possui consciência; reproduz a forma do diálogo, mas carece de experiência interior. Nesse sentido, o chatterbot nos obriga a refletir sobre os limites entre aparência e essência, sobre o que significa realmente “conversar” e sobre até que ponto a comunicação é apenas troca de signos ou encontro de subjetividades.

» Marcos Fabrício
Asa Norte

Pirataria

Após várias semanas da invasão norte-americana na Venezuela, a proposta não era prender e punir o ditador Nicolás Maduro, que fraudou as eleições para se perpetuar no comando do país. Hoje, constatamos que o poderoso Donald Trump é um “pirata”. Tudo não passou de uma encenação norte-americana para furtar o petróleo venezuelano. O que esperar do Donald Trump? Se os governos da América Latina não ficarem atentos, ele tentará fazer o mesmo com todos os países da região.

» Eduardo Oliveira
Taguatinga

Cruel ironia

É irônico que, num país de discursos inflamados sobre “proteção infantil”, crianças continuem dependendo de operações esporádicas para escapar de abusadores que agem com uma tranquilidade quase burocrática. A participação da própria avó “vendendo as netas” só reforça o tamanho do colapso.

» Paccelli M. Zahler,
Sudoeste

Justiça

Ao Justiça prorrogou por 30 dias prisões de técnicos de enfermagem acusados de matar pacientes. Embora eu não seja do Judiciário, como cidadã acredito que isso é uma injustiça com as vítimas e seus familiares. Ao meu ver, o juiz deveria multiplicar os 30 dias por 100, e o resultado seria o número de anos que o trio ficaria atrás as grades.

» Joana Hermínia da Silva
Asa Norte

Editora: Carmen Souza // carmensouza.df@dabr.com.br
opiniao.df@dabr.com.br || 3214-1157

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Fim da escala 6x1: Na política, quando o filho é bonito, todo mundo quer ser o pai.

Abrahão F. do Nascimento — Águas Claras

Não fosse este ano ser de eleições, duvido que os parlamentares de direita aceitariam a revogação da jornada 6x1.

Alfredo Soares — Taguatinga

Lei Seca mais rigorosa deve ajudar a reduzir os acidentes nas estradas neste carnaval.

José R. Pinheiro Filho — Asa Norte

Em ano eleitoral, os parlamentares tornam-se “bonzinhos” com a sociedade. Após serem eleitos ou reeleitos, mostram o quanto não têm compromisso com brasileiros. Mantêm a fidelidade com o próprio bolso.

José Paulo Oliveira — Cruzeiro

Não foi o Ministério Público que agravou a situação de Pedro Turra. O ex-piloto foi o autor da sua própria desgraça e da família da vítima.

Frederico Alves — Asa Sul

O Instituto Butantan mostrou o quanto a ciência no Brasil vem avançando. Presenteou o país com a vacina contra a dengue. Parabéns, cientistas nacionais.

Joana de Paula — Guará 2

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*	
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM	
			R\$ 1.187,88	
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES	
			(promocional)	
Assine				
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp				
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.				
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.				
Anuncie				
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp				
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br